



ROUSSEAU: A CUMPLICIDADE ENTRE NATUREZA E PATRIARCADO NA EDUCAÇÃO DE SOFIA

Letícia Machado Spinelli¹

Resumo

O chamado “naturalismo pedagógico” de Rousseau aponta que a tarefa da educação consiste em seguir os desígnios da natureza: o autor apresenta uma educação adequada a cada sexo, mediante a qual se ensina homens a serem homens e mulheres a serem mulheres. A tarefa crítica na análise dessa questão em Rousseau consiste na tomada de gênero enquanto categoria de análise, a qual resultará na conclusão de que a educação de Sofia é concebida de forma utilitária, considerando o papel das mulheres no interior de uma sociedade patriarcal. A partir da associação entre natureza, utilidade e educação, Rousseau caracteriza a formação adequada às mulheres subvertendo o ideal pedagógico da autonomia e da emancipação em vista da opressão e da subserviência.


Palavras-chave: Educação, rousseau/sofia, gênero.

“Se quereis estar bem orientado? Seguis sempre as indicações da natureza. Tudo o que caracteriza o sexo deve ser respeitado como estabelecido por ela” (ROUSSEAU, 1969 b, p.700). Afirmações como essa são frequentemente suscitadas por Rousseau (e ainda em tempos hodiernos) no intuito de ajuizar a conduta de homens e mulheres. O que está intrínseco a uma orientação do sexo a partir da natureza é o forte caráter determinista a ela inerente. Não seguir as orientações da natureza tem (à primeira vista) a conotação do rompimento com certo destino, por um lado, e, por outro, em consequência disso, a previsão de ser mal sucedido, uma vez que se está tentando ser ou fazer algo contrário ou que não se alinha a sua essência.

De acordo com a tese de que a natureza é um modelo normativo de valor, Rousseau prescreve os comportamentos feminino e masculino nos termos do que supostamente dita a natureza de cada gênero. Não se trata de uma teoria que guarde como pressuposto explícito uma inferioridade feminina, mas uma diferença entre os sexos. Seu argumento básico é que a natureza criou homens e mulheres de modo distinto e que cada um deve seguir a sua função e competência natural.

¹ Dra. em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na modalidade de estágio pós-doutoral (PNPD-CAPES). e-mail: leticiamspinelli@gmail.com





Okin (1979) denuncia que o uso de “natureza” por Rousseau no que tange às relações de gênero configura um modo obscuro de implementar a demanda de que a sociedade “funciona melhor” dentro do paradigma da subordinação da mulher ao homem. No sentido de colaborar com a tese de Okin, é interessante observar a afirmação rousseauiana (1969 b, p.692) de que “Sofia deve ser mulher assim como Emílio é homem, quer dizer, deve conter tudo que convém à constituição de sua espécie e de seu sexo para preencher o seu lugar na ordem física e moral”. Ocupar o lugar diz respeito ao papel de gênero estabelecido à homens e mulheres no interior da vida social, de maneira que o caráter natural, ao fim e ao cabo, vem no sentido de expressar o que é aconselhável de bom e útil para a humanidade.


O que se observa na educação de Sofia, ícone da educação das mulheres, é justamente a formação da mulher dentro do modelo patriarcal. Por patriarcado, se entende aqui, tal como apresentado por Saffioti (1987, p.16), um “sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem”. As preocupações que regem a educação de Sofia (e, portanto, das mulheres) diferem sobremaneira daquelas que norteiam a formação de Emílio, isto é, do homem, uma vez que procuram atender à lógica patriarcal de dominação da mulher pelo homem: enquanto Emílio é educado para a autonomia, Sofia é educada à subserviência. Esses pressupostos coincidem justamente com os postos sociais que cada um deve ocupar. Assim cada um deve receber uma educação concernente ao seu caráter. Daí emerge a questão de que o natural não é concebido nos termos de um inevitável ou de uma destinação arraigada, caso contrário não seria necessário mobilizar tão fortemente a prática formativa. Torna-se mais claro, por um lado, o caráter utilitário das funções de gênero e, por outro, que a educação emerge como um meio a partir do qual esse caráter é forjado.

Alguns pontos da educação de Sofia

Na extensa e exaustiva obra Emílio, apenas um capítulo é dedicado à educação das mulheres, apresentada na figura de Sofia. No quinto e último livro, Sofia tem sua presença anunciada e justificada em termos nada lisongeiros: “Não é bom que um homem esteja só. Emílio é homem. Nós lhe prometemos uma companheira, é necessário dar-lhe. Essa companheira é Sofia” (ROUSSEAU, 1969 b, p. 692).

A figura da Sofia aparece em Rousseau de modo semelhante daquele da narrativa bíblica: não é bom que um homem esteja só, é necessário dar-lhe uma companheira. Disso se segue que Sofia não aparece propriamente em vista da necessidade (em si mesma) de se tematizar a educação das mulheres, mas porque Emílio precisa dessa figura feminina. As mulheres e a sua educação aparecem em vista de uma necessidade masculina. Rousseau





observa que “depois de buscar caracterizar o homem natural, para não deixar imperfeita a nossa obra, vejamos como deve ser caracterizada a mulher apropriada a esse homem” (ROUSSEAU, 1969b, p. 700). Dentro dessa adequação vem explícita a necessidade de que essa mulher seja “formada”, “educada” e “instruída” de modo atender os anseios, imperfeições e necessidades dos homens. Dentro dessa conveniência é forjado o gênero feminino como complementar ao masculino.

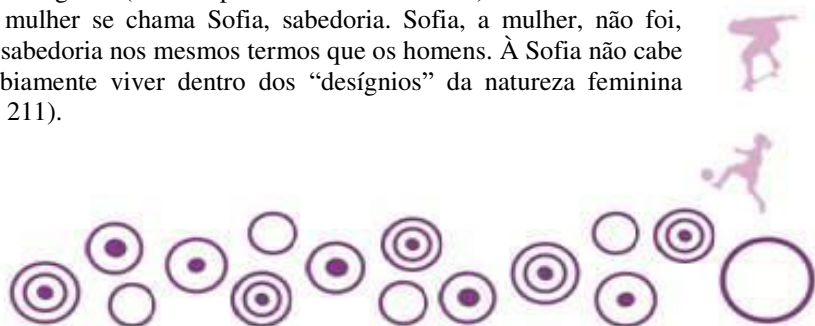
A tese da complementaridade de gênero se constitui no sentido de identificar e naturalizar nas mulheres características que de certa forma fortaleçam e legitimem certas características ditas masculinas: se o homem é forte, a mulher deve ser fraca, se ele se caracteriza pela insistência, ela deve ceder às investidas, se ele é destinado à vida pública, ela deve se restringir à vida privada, se ela é racional, ela deve ser emocional, se ele é errante e vicioso, ela deve sempre perdoar.


Considerando a diferença na educação de homens e mulheres bem como suas aptidões, Rousseau observa (1969 b, p.747) que “o que Sofia sabe de melhor, e que fizeram-na aprender com mais cuidado, são os trabalhos de seu sexo...”. Isso a ponto, inclusive, de retirar-lhe o “gosto” por qualquer atividade intelectual:

Quase todas as meninas aprendem a ler e a escrever com repugnância, mas quanto a segurar uma agulha, elas aprendem sempre de bom grado. Elas se imaginam adultas, e sonham com prazer que esses talentos poderão um dia lhes servir para se enfeitar (ROUSSEAU, 1969 b, p. 707).

Com tanta dedicação e cuidado nos labores domésticos e na administração do coquetismo, pouco tempo sobra para atividades intelectuais, mas isso não é um problema, uma vez que essa não é sua verdadeira aptidão. Rousseau não nega que a mulher deva ser instruída de alguma maneira e em vista de algum fim. Com efeito, o que prevalece é que essa “educação” guarda a especificidade dos papéis de gênero, por um lado, e da subserviência, por outro, considerando sempre o aspecto do destino natural. Dentro dessa destinação, o foco central se concentra no perímetro doméstico: “Afinal onde está a necessidade de que uma menina saiba ler e escrever tão cedo? Será que tão cedo terá um casa para governar?” (ROUSSEAU, 1969 b, p.708). Ou seja, o objetivo do aprendizado da leitura e da escrita se concentra numa perspectiva de atuação inerente aos cuidados domésticos. Nada que demande grande aporte reflexivo.

Isso é especialmente intrigante (salvo a possibilidade da ironia!) num contexto no qual o protótipo da mulher se chama Sofia, sabedoria. Sofia, a mulher, não foi, contudo, destinada à sabedoria nos mesmos termos que os homens. À Sofia não cabe a sabedoria, mas sabiamente viver dentro dos “desígnios” da natureza feminina (SPINELLI, 2016, p. 211).





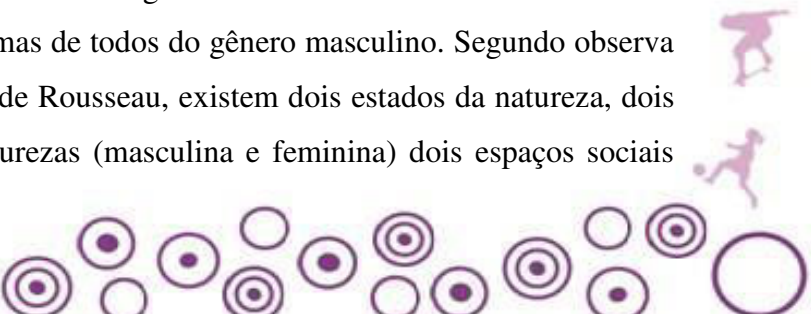
A sabedoria de Sofia está em atender puramente aos ditames do que se acredita ser as mulheres capazes, por um lado, e destinadas, por outro. O caráter pedagógico da formação das mulheres é subvertido na sua ideia embrionária, uma vez que a educação não atua de modo libertador ou no sentido de desenvolver aptidões e desejos inerentes ao sujeito.


Com efeito, Rousseau não apresenta o que identificamos como opressão da mulher na forma de um discurso explicitamente tirânico. A cumplicidade do argumento natural e o caráter patriarcal concedem certa harmonia, beleza e suavidade à condição social da mulher. Quer acionando a vocação natural quer mobilizando o coquetismo inerente à mulher, Rousseau objetiva que todos esses “trabalhos de seu sexo” são executados com gosto e que isso se impõe, inclusive, na tenra infância.

Educação para a opressão

A partir do direcionamento da educação de Emílio enquanto formação do cidadão foi pensada a figura de Sofia e a educação da mulher. É notório aqui a chamada tese da complementaridade de gêneros: já que Emílio é formado para a vida pública, Sofia é formada para a vida doméstica. Emílio é o cidadão, Sofia é a “rainha do lar” com todos os pejorativos que essa expressão carrega. Essa, no entanto, é uma configuração pedagógica que só se tornou ponto de reflexão crítica a partir do avanço da teoria feminista. Como observa Fernando Quindós (2005, p.173), “a educação de Emílio desagradou todo o continente. (...) Contudo, as críticas que Emílio recebeu naquela época raramente repararam o tratamento que essa obra concedeu às mulheres”. Alvo de vorazes críticas, a educação de Rousseau, contudo, não encontrou embaraço no seu forte caráter subversivo no que tange à formação das mulheres. Essa é uma explicação que poderia ser mobilizada em vista de isentar o autor de seu machismo no sentido de justificá-lo como um “homem de seu tempo”. Rousseau, contudo, está longe de ser um homem de seu tempo, tanto que suas ideias seminais vigoram e são ainda hoje fonte de relevância nas reflexões acerca dos conflitos estruturais da sociedade. O fato é que Rousseau inovou na teoria do contrato, inovou na educação, mas se manteve preso aos pré-conceitos e cadeias patriarcais das relações de gênero.

Isso é especialmente impactante junto ao filósofo ícone da liberdade e da igualdade. Sua teoria defende relações simétricas assimetricamente concebidas: contempla somente a metade da humanidade. Sua denúncia contra a desigualdade não inclui as mulheres: não se trata da igualdade de todos os humanos, mas de todos do gênero masculino. Segundo observa Rosa Cobo (1996, p. 266): “No trabalho de Rousseau, existem dois estados da natureza, dois contratos (o social e o sexual), duas naturezas (masculina e feminina) dois espaços sociais





(público e privado) e duas pedagogias (uma para homens – Emílio e outra para as mulheres - Sofia-)”. O caráter utilitário, nesse ponto, é fundamental: no intuito de resguardar a ordem e a igualdade (entre os humanos masculinos) é mobilizada a desigualdade de gênero dentro de um modelo dicotômico de pesos e valores para homens e mulheres. Nessa dicotomia, as mulheres ficam no meio do caminho


É filosoficamente significativo que as mulheres virtuosas na sociedade civil são mais próximas da natureza do que os homens virtuosos. Os homens devem ser transformados e desnaturados em uma boa sociedade, de acordo com Rousseau. A modesta mulher parece ainda tão pouco mais do que não corrompida. Como tal, ela formará uma ligação necessária entre o artifício supremo da boa sociedade, de um lado, e a natureza, de outro (LANGE, 2002, p. 31).

A incorporação da mulher na sociedade ainda é insuficiente para retirar seu status de pré-social, uma vez que ela não é reconhecida como um sujeito. Rousseau escreve (1969a, p.374) que “o pacto social estabelece entre os cidadãos uma tal igualdade que todos se comprometem sob as mesmas condições, e devem usufruir todos os mesmos direitos”. A questão do sujeito neutro e universal no interior do contratualismo é uma anedota tão repetida que muitos ainda acreditam que “uma tal igualdade entre todos” é inclusiva do ponto de vista de gênero. Ocorre que esse sujeito universal revela-se parcial e particular à medida que se conjugam passagens como a citada acima com outras tantas que enclausuram o potencial das mulheres nas atividades domésticas, por um lado e, por outro, essencializam sua identidade sob a rubrica do cuidado e da subserviência.

Fernando Caldeirón Quindós (2005, p. 173) observa que “o livro V é um discurso sobre a desigualdade dos sexos”. A educação proposta no livro V, portanto, subverte seu próprio caráter pedagógico uma vez que não é promotora de liberdade, mas arditamente engendrada para promover sujeição. Rousseau não concebe a mulher dentro de uma perspectiva de destino humanamente considerada (em que a educação vem no sentido de promover autonomia), mas o que ela deve ser em vista do seu gênero dentro de uma sociedade patriarcal. Conforme observa Else Wiestad (2002, p. 171), “Rousseau descreve com precisão e em detalhe uma nova, invasiva e não violenta técnica de controle que visa internalizar a restrição colocada sobre as mulheres através de um programa de educação”.

O discurso acerca da educação não é edificado no sentido de avaliar o potencial inerente à mulher, mas definir qual função ela deve desempenhar em vista da manutenção da vida social. Rousseau não defende a inferioridade feminina, com efeito, agencia a utilidade de sua opressão na manutenção de uma sociedade dita justa e igual. A educação é formadora nos termos de marginalizar as mulheres social e identitariamente. A mulher de Rousseau não






define seus rumos, seu destino e sua identidade. “Rousseau pode ser considerado anti-feminista inicialmente porque ele avalia o papel das mulheres em uma luz diferente do que as mulheres querem ou podem fazer” (WEISS; HARPER, 2002, p.46). A educação repressiva é signo do direcionamento do comportamento feminino que leva a mulher a ser o apêndice do homem.

Sofia é o ícone da subordinação feminina, as mulheres de hoje são descendentes de seu jugo. Sua herança se manifesta numa educação pautada por papéis de gênero, a qual carrega no argumento da destinação natural a justificativa para castrar as potencialidades da mulher bem como mantê-la reclusa na esfera da domesticidade. Mesmo, atualmente, com o egresso no mundo do trabalho, as mulheres ainda são descendentes de Sofia, a domesticidade as acompaha quer na especificidade de sua prática laboral quer no fato de que “os afazeres de seu sexo” se mantém ainda como “seus” independentemente das conquistas e da ocupação do espaço público.

Referências

- CALDERÓN QUINDÓS, Fernando. “La mujer en la obra de Jean Jacques Rousseau”. *Universitas Philosophica*, n. 40-41, 2003, p. 11-28.
- COBO, Rosa. “Sociedad, democracia y patriarcado em Jean Jacques Rousseau”. *Papers: Revista de Sociología*, n. 50, 1996, p. 265-280.
- LANGE, Lynda. “Rousseau and pos-modern Feminism”. In: LANGE, Lynda (ed). *Feminist interpretations of Jean Jacques Rousseau*. Pennsylvania: Pennsylvania state University Press, 2002, pp.24-41.
- OKIN, Susan Moller. “Rousseau's Natural Woman”. In: *The Journal of Politics*, Vol. 41, No. 2 (May, 1979), pp. 393-416.
- ROUSSEAU, J-J. *Du contrat social. Oeuvres completes. III. Édition publiée sous la direction de Bernard Gagnebin et Marcel Raymond*. Paris: Gallimard, 1969a.
- _____. *Emile. Oeuvres completes. IV. Édition publiée sous la direction de Bernard Gagnebin et Marcel Raymond*. Paris: Gallimard, 1969 b.
- SAFFIOTI, Heleith. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SPINELLI, Letícia Machado. “Crítica feminista ao contratualismo: interfaces de gênero na obra de Rousseau”. In: *Revista Café com Sociologia*. Volume 5, número 3, Ago./Dez. 2016, pp.196-213.
- 



WEISS, Penny; HARPER, Anne. "Rousseau's Political Defense of Sex-Roled Family". In: LANGE, Lynda (ed). Feminist interpretations of Jean Jacques Rousseau. Pennsylvania: Pennsylvania state University Press, 2002, pp.42-64.

WIESTAD, Else. "Empowerment Inside Patriarchy: Rousseau and the masculine construction of femininity". In: LANGE, Linda (ed). Feminist interpretations of Jean Jacques Rousseau. Pennsylvania: Pennsylvania state University Press, 2002, pp.169-186.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

